

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE – CAA
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE – NFD
CURSO DE LICENCIATURA EM FÍSICA

A INCIDÊNCIA DO INCOMPREENSÍVEL: EPISTEMOLOGIA DA LUZ E A TRANSFIGURAÇÃO DO REALISMO, ANÁLISE DA INTERSEÇÃO ENTRE ARTE, CIÊNCIA E RELIGIÃO

Jonatas Vitório Silva Ferreira¹
Universidade Federal de Pernambuco
Jonatas.vitorio@ufpe.br

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise da convergência epistemológica entre Arte, Ciência e Religião, utilizando como base a historiografia de Ernst Gombrich e a evolução do pensamento físico. Argumenta-se que estas três áreas compartilham uma raiz comum: a tentativa de codificar o incompreensível e dar ordem ao caos da percepção humana. Através de uma revisão bibliográfica e metodológica fundamentada em Thomas Kuhn e Gaston Bachelard, demonstra-se que as transformações nas formas de representação artística ocorrem em paralelo a rupturas nos paradigmas científicos. O objetivo é demonstrar que o desenvolvimento da Física não é apenas um progresso técnico, mas parte de uma mudança na "vontade de forma" da humanidade. Conclui-se que a interseção entre o dogma religioso, a técnica artística e o método científico revela que o Universo é interpretado através de um sistema unificado de representação simbólica.

Palavras-chave: Historia da Física; História da Ciência; Epistemologia; História da Arte.

1 INTRODUÇÃO

Na obra *A História da Arte*, Ernst Gombrich argumenta que o fazer artístico está intrinsecamente ligado às necessidades conceituais da sociedade. Este trabalho expande essa premissa ao incluir a Ciência como pilar fundamental dessa relação. A proposta é analisar o tema "Universo numa Galeria de Arte" sob uma perspectiva interdisciplinar, onde Religião, Ciência e Arte são vistas como tentativas complementares de explicar o desconhecido. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica qualitativa, buscando na História da Física e na Filosofia da Ciência (especialmente no conceito de paradigmas de Kuhn) as chaves para entender a evolução do olhar humano sobre o cosmos, superando a visão fragmentada do conhecimento.

2 A TRÍADE DO SAGRADO E DO CÁLCULO

Historicamente, o pensamento religioso e científico moldaram a percepção do espaço na arte. No Egito Antigo e na Baixa Idade Média, a representação não buscava o realismo óptico, mas o "realismo espiritual", refletindo um cosmos teleológico onde a observação estava subordinada ao dogma.

É fundamental pontuar que o advento da geometria e da óptica na arte não é um subproduto da ciência moderna, mas um movimento que ganha força no Renascimento, momento em que arte e investigação da natureza eram indissociáveis. Como aponta Bachelard, a superação de obstáculos epistemológicos permitiu a transição do "Universo como Templo" (ordem divina estática) para o "Universo como Mecanismo". Quando a ciência busca as leis dessa perfeição, a arte as materializa através da perspectiva linear e da simetria, tornando a tela um espelho da ordem matemática que se acreditava reger a criação.. Este arcabouço matemático permite prever o comportamento do gás antes da ignição das primeiras fontes pontuais de radiação.

3 A LUZ COMO FENÔMENO E DIVINDADE

O conceito de "luz" exemplifica a transição de paradigmas. Se para a Religião a luz era a emanção imediata do divino, para a ciência newtoniana ela se fragmenta em um espectro mensurável. Gombrich demonstra como os artistas, culminando no Impressionismo, passaram a tratar a luz não mais como símbolo metafísico, mas como fenômeno físico e fisiológico.

Aqui, a arte atua como um "laboratório de percepção": ao desafiar as cores locais em favor da decomposição cromática, o artista antecipa a compreensão da luz como onda/partícula e fenômeno espectral. Essa mudança desafiou visões religiosas tradicionais ao dessacralizar o "brilho" e transformá-lo em dado empírico, reconfigurando a relação entre o observador e a realidade material..

4 RUPTURAS: O INCALCULÁVEL E O ABSTRATO

No século XX, ocorre uma ruptura simultânea no senso comum. Enquanto a Física (Relatividade e Mecânica Quântica) abandonava a causalidade determinista, a Arte (Abstracionismo e Cubismo) rompia com a representação figurativa. Segundo o pensamento de Zanetti, há um diálogo profundo entre a crise do objeto na física atômica e a fragmentação da forma nas vanguardas europeias.

Se a Religião perdia o monopólio da explicação universal, a Ciência e a Arte mergulhavam no invisível. A abstração artística não é uma negação da realidade, mas a tentativa de representar forças, campos e estados de energia, conceitos que a Física teórica tentava equacionar. A "angústia do incompreensível" levou ambos os campos a buscar estruturas fundamentais que a visão direta não é capaz de captar.

5 CONCLUSÃO

A síntese deste trabalho revela que a Ciência, a Arte e a Religião são ferramentas de uma mesma curiosidade existencial. Ao alinhar a historiografia de Gombrich com autores como Kuhn e Bachelard, percebe-se que as mudanças no estilo artístico não são meramente estéticas, mas reflexos de mudanças na estrutura do conhecimento humano. Os resultados apontam que a percepção realista é uma construção histórica dependente tanto do dogma quanto da descoberta científica. Em última análise, a "galeria de arte" do universo revela que o físico, o artista e o teólogo utilizam diferentes linguagens para interpretar a mesma sombra do desconhecido.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

FEYERABEND, Paul. A ciência em uma sociedade livre. Tradução de Cabrera e L. J. Baraúna. São Paulo: UNESP, 2011.

GOMBRICH, Ernst H. A História da Arte. Tradução de Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SNOW, Charles Percy. As duas culturas e um segundo olhar. Tradução de Geraldo Gerson de Souza e Renato de Mendonça. São Paulo: EDUSP, 1995.

ZANETIC, João. Física também é cultura. 1989. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989..